

ATA DA REUNIÃO ORDINÁRIA DO COMITÊ DE INVESTIMENTOS DO INSTITUTO MUNICIPAL DE PREVIDÊNCIA DOS SERVIDORES PÚBLICOS DE ITAÚNA

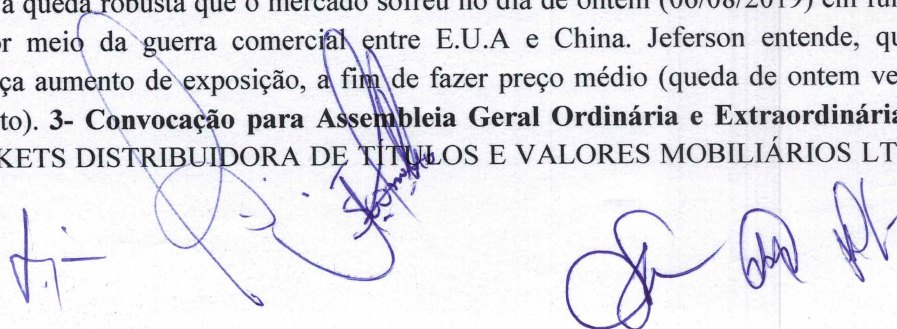
Aos 06 (seis) dias do mês de agosto de 2019, às 08:00 horas, reuniram-se os integrantes do Comitê de Investimentos do Instituto Municipal de Previdência dos Servidores Públicos de Itaúna - IMP, quais sejam: Availton Ferreira Dutra, Kelly Cristina Mendes, Marco Aurélio Alves Pinto e Sandro Ferreira Pinto. Participaram da reunião o Sr. Jeferson de Souza Carvalho e o Sr. Eduardo Nakamura representantes da Par Engenharia Financeira. **1- Assuntos referentes à Análise de cenário econômico: O Conselheiro Availton explanou o seguinte:** O relatório FOCUS disponibilizado pelo Banco Central do Brasil dia 19/07/2019, apresentou estimativa do IPCA de 3,78% para o ano de 2019, podendo alcançar o patamar de 3,90% em 2020, recuando em 2021 ao patamar de 3,75 % e 3,50% em 2022. O PIB (% de crescimento) apresentado pelo FOCUS com 0,82% para o ano de 2019, podendo alcançar 2,10% para o ano de 2020, e chegando em 2,50% nos anos de 2021 e 2022. A Taxa Selic Meta apresentada pelo Relatório Focus para o ano de 2019 fechou com estimativa de 5,25%, podendo aumentar até o patamar de 5,50% em 2020, e perspectiva de fechamento em 7,00% para os anos de 2021 e 2022. A dívida líquida do setor público (% do PIB) fechou com estimativa de 56,10% para o ano de 2019, podendo ocorrer de crescimento gradual, alcançando 58,70% em 2020, 61,30% em 2021 e 62,80% em 2022. O Relatório Focus aponta percentual de Produção Industrial (% de crescimento) com fechamento de 0,23% no ano de 2019, podendo alcançar 2,75% nos anos 2020, e 3,00% em 2021, recuando e 2022 para 2,75%. A projeção do IGP-M para o ano de 2019 fechou com patamar de 6,63%, podendo sofrer recuo para 4,10% em 2020, alcançando 4,00% em 2021 e alcançando 3,97% em 2022. **O Conselheiro Marco Aurélio explanou:** que segundo a equipe do Bradesco, os dados recentes de atividade sugerem que o PIB de 2019 pode ficar abaixo do 0,8% projetado para esse ano. Entretanto, decidiram manter a projeção nesse patamar por duas razões. De um lado, há dúvidas sobre qual será o comportamento da economia após a reforma da previdência. De outro, há reiteradas manifestações do governo de que pode haver estímulos após a reforma, como a liberação de recursos do PIS ou do FGTS, que costumam produzir forte efeito no curto prazo, ainda que sejam transitórios. Apesar de terem mantido a projeção de câmbio em R\$/US\$ 3,80 no final deste ano, pode haver certa apreciação nos próximos meses. Como o crescimento segue frustrando e os juros estão em queda, o potencial de apreciação é limitado no curto prazo, mas, após a aprovação da reforma, parte do risco idiossincrático que fez o real descolar de seus pares não estará mais presente, podendo levar a novas rodadas de queda do risco país e apreciação da moeda, que serão reforçadas apenas quando o crescimento econômico acelerar. Do lado da inflação, a trajetória prevista de crescimento do PIB levará a um fechamento bastante gradual do hiato do produto, mantendo o IPCA abaixo do centro da meta. É nesse contexto que a Selic deve cair até 5,50% nesse ano, permanecendo nesse patamar em 2020. Diante de um cenário de potenciais medidas de estímulo e de dúvidas a respeito do comportamento da economia após a previdência, o Banco Central tende a ser gradual na sua ação inicial de afrouxamento. Desde início de maio, o agravamento das tensões entre China e EUA intensificou a desaceleração da economia mundial. Nesses últimos dois meses, os indicadores econômicos da grande maioria dos países surpreenderam de forma negativa. As tensões entre EUA e China seguem como um dos principais vetores para a economia mundial. Ainda que as conversas tenham sido retomadas, as tarifas já em vigor não foram revertidas. **A Conselheira Kelly explanou:** O avanço da reforma da



Previdência no congresso é sem dúvida muito positivo para toda classe empresarial, uma vez que contribui para redução das dúvidas em relação ao equilíbrio das contas públicas no longo prazo. No que se refere a proposta do saques do FGTS e PIS/Pasep sobre a economia junto com um possível nova redução dos depósitos compulsórios pode ser maior do que o mercado tem projetado. Para o PIB poderia a ideia é de crescimento até 0,55 ponto a mais nos próximos doze meses acima da projeção do mercado que é de apenas 0,35 ponto. A inflação (IPCA) do mês de julho, deve ter ficado mais próximo dos 23%. Para este mês de agosto, há espaço para termos uma desaceleração mais expressiva do IPCA com destaque para alguns segmentos como de alimentação. Quanto a projeção para o mês trabalhando com um IPCA próximo a 0,10% Mercado Financeiro Interno: Na parte dos juros futuro a curva a termos já precifica alguns pontos de redução na taxa básica para a próxima reunião do COPOM, porém vemos um mercado sem tendência e com baixo volume nos próximos dias. Quanto ao dólar por sua vez, se ajustará de acordo com o cenário externo. A partir desse momento a evolução do cenário básico em especial do balanço de risco será fundamental para os próximos ajustes. Quanto a bolsa, continuamos dentro de um processo de acumulação onde poderemos ter em determinados dias até uma realização um pouco mais forte. Não vemos neste momento nenhum exagero nos indicadores do mercado, por este motivo acreditasse que teremos uma realização curta e de baixa intensidade. **O conselheiro Sandro explicou:** segundo a Sul América A volatilidade deve reinar absoluta nos mercados brasileiros, nesta semana. Além de contar com uma agenda econômica intensa, a questão política focada nas reformas volta ao radar com o fim do recesso parlamentar. O Congresso retoma seus trabalhos com o foco principal na votação da PEC da Previdência em segundo turno na Câmara. A intenção é encerrar essa fase ainda nesta semana. No front internacional, permanecem importantes focos de risco, com destaque para acirramento da guerra comercial entre EUA e China, passando pela desaceleração da economia global, assim como pelos ruídos políticos na Europa (Brexit). Na agenda econômica doméstica, o destaque caberá à divulgação da ata da reunião do Copom da semana passada, que reduziu a Selic de 6,50% para 6,0%, conforme antecipado por boa parte do mercado. No comunicado divulgado no final do encontro, além de avaliar o cenário externo e interno como benigno para a inflação, foi mencionado que ajuste adicional deve ser necessário na taxa de juros, suggestionando que pode ocorrer pelo menos mais uma queda na taxa Selic em 2019. A leitura da ata ajudará a ter uma visão mais clara dos próximos passos da política monetária. Entre os indicadores econômicos que serão conhecidos ao longo da semana, o destaque ficará para os índices de inflação. Na quinta-feira, o IBGE divulgará o IPCA de julho, que deverá confirmar a tranquilidade do atual quadro inflacionário. De acordo com as nossas projeções, é provável que o indicador oficial registre alta de 0,29%, subindo em relação à prévia do mês (0,09%), como ao IPCA fechado de junho (0,01%). A elevação do índice no mês refletirá, principalmente, aumento da pressão dos alimentos conjugado ao aumento das contas de luz, decorrente do acionamento da bandeira amarela em julho. Em sentido contrário, destaque para o grupo de transportes, devido à queda nos preços dos combustíveis. Em doze meses, o IPCA deve acumular inflação de 3,33% no período. Na frente internacional, a agenda econômica é mais modesta do que nas semanas anteriores, com os mercados repercutindo a decisão de política monetária do Fed, na semana passada. O discurso considerado “hawkish” do presidente do Fed, Jerome Powell, que após ter cortado em 25 pontos-base a taxa de juro americana, afastou a hipótese de que se estaria ingressando em um ciclo prolongado de afrouxamento monetário. Possivelmente, essa aparente contradição continuará a influenciar os preços do mercado. Ao mesmo tempo, as especulações em torno do agravamento das tensões comerciais entre EUA e China, após a imposição de tarifas adicionais às importações chinesas, devem adicionar mais volatilidade ao



ambiente. A China também estará no foco dos investidores interessados na nova leva de dados econômicos, que serão informados nos próximos dias. A balança comercial pode acusar os efeitos da retração do comércio mundial, bem como uma demanda doméstica mais fraca deve limitar o avanço das importações. Os indicadores de inflação continuarão a mostrar baixas pressões inflacionárias, em linha com uma atividade econômica interna enfraquecida. Tema em destaque O FOMC (Comitê de Política Monetária do Federal Reserve, o Banco Central dos EUA), no dia 31 de julho, diminuiu a taxa de juros em 25 pb, para o intervalo entre 2,00% a.a. e 2,25% a.a.. Essa queda era esperada pela maioria do mercado financeiro, mas a reação foi ruim, especialmente devido ao linguajar mais hawkish contido no comunicado e na entrevista coletiva – assim como à decisão dividida, com dois votos dissidentes para manutenção dos juros. O comitê justificou a queda na taxa de juros através da piora da economia mundial, dos riscos associados à retomada da guerra comercial entre EUA e outros países, e da inflação mais baixa que a esperada nos últimos meses. Esses argumentos foram necessários, uma vez que os dados sobre atividade (em especial consumo) e emprego nos EUA, na verdade, seguiram fortes desde a reunião do FOMC de junho. Ou seja, se o comitê olhasse apenas para a atividade nos EUA, seria muito difícil justificar uma queda na taxa de juros. Na entrevista coletiva, o presidente do Fed, Jerome Powell, disse que a redução dos juros feita no dia 31 não era o início de um ciclo longo de corte de juros, que ocorre normalmente quando a fase de expansão está terminando e uma recessão se aproxima. A queda nos juros seria caracterizada mais como um ajuste feito no meio do ciclo de negócios, para tornar adequado o nível de estímulo monetário na economia para estender a fase expansionista do período. Dessa forma, o corte não seria isolado (ou seja, haveria pelo menos mais uma queda no futuro próximo), mas não faria parte de uma série de reduções que mudariam muito o nível da taxa de juros. Os mercados financeiros reagiram muito mal a essa frase do presidente do Fed, uma vez que já precificavam quase 100 pb de queda na taxa básica de juros até a metade do ano que vem. De acordo com as falas de Powell, a queda deveria ficar mais em torno de 50 pb. Mas a precificação de queda nos juros futuros não convergiu para a mediana das projeções dos membros do FOMC, ficando em torno de 75 pb. Isso se deve, em parte, ao recrudescimento das tensões comerciais entre China e EUA, que ocorreu um dia depois da reunião do Fed. Os EUA devem impor mais tarifas sobre o restante das importações vindas da China, no valor de US\$ 300 bi, com os impostos de importação subindo, inicialmente, 10%, mas podendo chegar a 25% - caso as negociações sigam sem avançar, de acordo com o presidente dos EUA, Donald Trump. Assim, a trégua assegurada na reunião do G-20 de junho acabou sem nenhum resultado efetivo e o FOMC pode se ver forçado a reduzir mais os juros do que esperava. **2- Análises de Fundos:** foi solicitado a Par Engenharia Financeira análises dos fundos BB AÇÕES VALOR FIC AÇÕES PREVIDENCIÁRIO CNPJ: 29.258.294/0001-38, ITAÚ DUNAMIS FIC AÇÕES CNPJ: 24.571.992/0001-75 e FUNDO DE INVESTIMENTO IMOBILIÁRIO FII BTG PACTUAL FUNDO DE FUNDOS CNPJ: 11.026.627/0001-38. Estas análises foram solicitadas com base na sugestão de carteira emitida no último dia 23/07/19 e posterior recomendação do Sr. Jeferson de Souza Carvalho, onde o mesmo aponta ser oportuno aumentar exposição em renda variável, por considerar, que além da expectativa que o mercado oferece para o decorrer do ano mediante as reformas estruturais (previdenciária e tributária), também considera importante aproveitar a queda robusta que o mercado sofreu no dia de ontem (06/08/2019) em função da crise alastrada por meio da guerra comercial entre E.U.A e China. Jeferson entende, que é necessário o RPPS faça aumento de exposição, a fim de fazer preço médio (queda de ontem versus expectativa de aumento). **3- Convocação para Assembleia Geral Ordinária e Extraordinária:** A CM CAPITAL MARKETS DISTRIBUIDORA DE TÍTULOS E VALORES MOBILIÁRIOS LTDA.



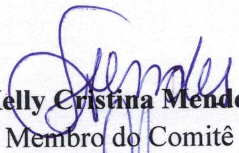
("Administrador"), na qualidade de Administrador do Fundo convoca os Srs. Cotistas a se reunirem em Assembleia Geral Ordinária e Extraordinária a ser realizada no dia 13 de agosto de 2019, às 11:00 horas. O Diretor do IMP aprovou o envio de dois membros dos colegiados, sendo um do Conselho Administrativo e um do Comitê de Investimentos. **4- Call com Alexandre Mariante:** o mesmo ficou de enviar material sobre o Fundo de Investimento Imobiliário FII BTG Pactual Fundo de Fundos (BCFF11) CNPJ 11.026.627/0001-38, para analisar o enquadramento do mesmo. Nada mais havendo a tratar, eu Marco Aurélio Alves Pinto, lavrei a presente ata, que depois de lida e aprovada será assinada pelos membros.



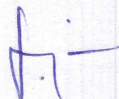
Availton Ferreira Dutra
Presidente do Comitê



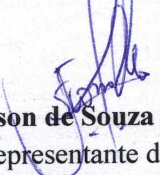
Marco Aurélio Alves Pinto
Secretário do Comitê



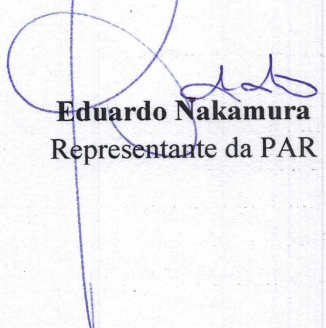
Kelly Cristina Mendes
Membro do Comitê



Sandro Ferreira Pinto
Membro do Comitê



Jeferson de Souza Carvalho
Representante da PAR



Eduardo Nakamura
Representante da PAR